

12. CURTA NA ESCOLA: DOIS OLHARES SOBRE A EPOPEIA DE CANUDOS

Tanize Schroeder Paz
Marcelo Magalhães Foohs

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre alguns elementos que norteiam a utilização das tecnologias nas salas de aulas. Entre elas, uma tecnologia bastante difundida: o cinema dentro do espaço escolar.

O objetivo é analisar seu impacto na elaboração do conhecimento historiográfico, a compreensão das limitações e possibilidades de utilização dessa ferramenta midiática, além de sua utilização contextualizada e problematizadora que é elemento fundamental para desenvolvermos ações pedagógicas criativas e significativas para nossos alunos. Talvez este seja o maior desafio dos educadores na atualidade: a construção do conhecimento e do pensamento crítico por parte dos nossos educandos. Nesse contexto, faz-se necessário realizar uma reflexão de como esse objetivo pode ser alcançado, ressaltando a importância das mídias e, especialmente, do cinema.

Para esta tarefa, a pesquisa bibliográfica sobre o tema possibilitou maior análise/reflexão do pesquisador sobre seu objeto de estudo que no caso foi uma reflexão sobre a utilização de filmes do projeto **Curta na Escola** como ferramenta de conhecimento histórico.

A escolha da análise do cinema como um recurso didático deu-se por esta tecnologia estar bem difundida no ambiente educacional, não só na disciplina de história, como uma ferramenta na construção ou reconstrução do saber; no caso deste projeto de pesquisa: o conhecimento histórico.



O artigo estrutura-se em duas etapas: a primeira propõe-se a uma reflexão sobre fundamentação teórica que legitime a de mídias em espaços escolares, e a segunda, que se propõe efetivamente a uma análise sobre a contribuição do **projeto Curta na Escola** como alternativa midiática na construção do conhecimento.

Nesta segunda etapa é feita uma análise sobre as possibilidades e também limitações da utilização de dois curtas-metragens que abordam temas históricos. Para o trabalho em questão foram selecionadas duas produções que abordam a temática do conflito e destruição do Arraial de Canudos – evento histórico ocorrido no sertão da Bahia no final do século XIX e que resultou na morte de quase vinte e cinco mil pessoas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sabe-se que a educação na atualidade passa por um processo de transformação, inclusive questiona-se qual o real papel do educador nesse processo. Talvez no momento, o paradigma central na educação encontra-se no pensamento: “de um lado e do outro trabalho em que se ensina-e-aprende, há sempre e d u c a d o r e s - e d u c a n d o s e d u c a n d o - e d u c a d o r e s . D e l a d o a l a d o s e e n s i n a . D e l a d o a l a d o s e a p r e n d e .” (BRANDÃO, 1988,p.22)

Em um processo educativo contextualizado com mídias, o papel do professor pode ser ainda mais discutido, pois segundo Boff (2004, p.99) “um computador e um robô não têm condições de cuidar do meio ambiente (...), portanto, esta é uma tarefa essencialmente humana”.

Nesse contexto, as problematizações, os questionamentos, as intervenções dos alunos são mais importantes na construção do saber, do que a simples transmissão de ideias e valores. O posicionamento crítico, o pensamento dialético, a parceria com os educandos contribuem para que o aprendizado seja significativo para estes. Nessa postura as tecnologias desempenham um papel fundamental já que proporcionam uma infinidade de ferramentas que podem e devem auxiliar na construção do saber, isso ocorre através de novas experiências educativas que não se limitam somente ao espaço escolar.

A partir desse pensamento, encontramos subsídios na corrente de pensamento do biólogo Jean Piaget que, com seus estudos, contribuiu para que

os educadores tivessem um novo olhar sobre a forma com que as crianças, os educandos, criam suas conexões e estabelecem relações que resultam na construção do saber.

De acordo com a Teoria Epistemológica de Piaget, o saber é produzido pela interação, e a mediação do sujeito com a realidade que está ao seu redor:

“No construtivismo de Piaget, o processo de construção do conhecimento confunde-se com o próprio processo de constituição e de desenvolvimento do sujeito, na sua relação com o mundo, que é físico e ao mesmo tempo simbólico. Esse sujeito se define como tal a partir do momento em que se constitui junto com o objeto do conhecimento, que não é apenas, nem necessariamente, físico. Dessa forma, falar em construção do conhecimento significa falar ao mesmo tempo em construção do sujeito que conhece e do objeto a ser conhecido.” (SANCHIS, MAHFOUD, 2007, p.2)

Nesse sentido, no campo educacional vivenciamos uma quebra de paradigma: o professor deixa de ser o único detentor do saber “verdadeiro” para tornar-se um mediador neste contexto. O aluno passa a construir relações com seu objeto de estudo e torna-se sujeito de sua aprendizagem, de sua relação com o mundo.

“(…) o conhecimento repousa em todos os níveis sobre a interação entre o sujeito e os objetos, (...) mesmo quando o conhecimento toma o sujeito como objeto, há construções de interações entre o sujeito-que-conhece e o sujeito conhecido.” (Piaget, 1967 *apud* SANCHIS, MAHFOUD, 1997, p.3)

Para que a aprendizagem possa se tornar significativa, para que nossos alunos tornem-se sujeitos de sua aprendizagem, deve-se partir do contexto social no qual nossos alunos estão inseridos. Daí a extrema necessidade de se utilizar novas ferramentas nesse trabalho. Precisamos ressaltar para os alunos que a aprendizagem não se realiza somente no espaço escolar, e que a todo momento sofremos interferências nos mais diferentes níveis de saber. Portanto, cabe a eles e seus responsáveis analisar com critério e selecionar as informações relevantes para a construção do saber. É importante que o aluno perceba



que o computador, o cinema e outras mídias não servem apenas para o uso da comunicação ou entretenimento, mas o seu significado vai bem mais longe, principalmente se utilizado como ferramenta de conhecimento e educação. De acordo com Paulo Araújo:

“As descobertas de Piaget tiveram grande impacto na pedagogia, mas, de certa forma, demonstraram que a transmissão de conhecimentos é uma possibilidade limitada. Por um lado, não se pode fazer uma criança aprender o que ela ainda não tem condições de absorver. Por outro, mesmo tendo essas condições, não vai se interessar a não ser por conteúdos que lhe façam falta em termos cognitivos.” (ARAUJO, 2011, p.1) .

Talvez o maior desafio de professores na atualidade seja ensinar os jovens como transformar informação em conhecimento, além de se posicionar criticamente diante dos fatos. Como afirma Pontuschka e Cacete:

“Diante do avanço tecnológico e da enorme gama de informações disponibilizadas pela mídia e pelas redes de computadores, é fundamental saber processar e analisar esses dados. A escola, nesse contexto, cumpre papel importante ao apropriar-se das várias modalidades e linguagens como instrumentos de comunicação, promovendo um processo de decodificação, análise e interpretação de informações desenvolvendo a capacidade do aluno assimilar as mudanças tecnológicas que, entre outros aspectos, implicam, também, novas formas de aprender.” (PONTUSCHKA, CACETE, 2007, p.78)

Nesse sentido cabe ressaltar que informação e educação não são substantivos sinônimos. A informação chega até nós por jornais, revistas, televisão, cinema, Internet, enfim por diferentes mídias. Mas só se transforma efetivamente em conhecimento quando devidamente organizada. A confusão que se faz entre estes dois conceitos, informação e conhecimento, talvez seja o paradoxo mais importante da atualidade: informação chega em toneladas aos nossos educandos e não somente dentro do espaço escolar. Compreender que diferentes formas de representação de comunicação proporcionadas pelas tecnologias podem criar dinâmicas e estabelecer diálogos entre as diferentes linguagens de

mídias, entre elas o cinema, é uma das tarefas cabíveis aos educadores. Daí a importância do professor em ensinar como transformar, selecionar, determinar os elementos que realmente podem contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na cidadania. É fundamental fazer com que os alunos utilizem as tecnologias para chegar a conclusões significativas em seus estudos, com senso crítico e criatividade.

A Lei 9394/96 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; em seu artigo 22, aponta o caminho a ser buscado no campo educacional: "(...) desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores."

Nesse sentido a Educomunicação contribui para legitimar a reflexão e a práxis da utilização das tecnologias da informação e comunicação no processo educativo. A proposta desta metodologia é utilizar mídias como um elemento educacional, com a busca de uma educação voltada para ética, cidadania e postura crítica. Como define Ismar de Oliveira Soares:

"Para tanto, defino, inicialmente, a educomunicação como sendo o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação em massa, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas, e ampliar capacidade de expressão das pessoas" (SOARES, 2003, p.36).

Partindo do referencial sugerido acima, os espaços onde ocorrem essas transformações são chamados de "ecossistemas comunicacionais", ou seja, espaços de comunicação em que devem prevalecer a relação dialógica, a transdisciplinaridade, a utilização de ferramentas tecnológicas, enfim, construções e reconstruções do pensamento para que os educadores consigam formar pessoas conscientes para o exercício da cidadania:

A função do professor será facilitar o surgimento do contexto de compreensão comum e trazer instrumentos procedentes das ciências, do pensamento e das artes



para enriquecer este espaço de conhecimento compartilhado, mas nunca substituir o processo de construção dialética desse espaço, impondo suas próprias representações ou cerceando as possibilidades de negociação aberta de todos e de cada um dos elementos que compõe o contexto de compreensão comum. (...) facilitar a participação de todos e de cada um no fórum de trocas simbólicas em que a aula deve se transformar, oferecer instrumentos culturais de maior potencialidade explicativa (que enriqueçam o debate) e provocar a reflexão sobre as próprias trocas e suas consequências para o conhecimento e ação. (SACRISTAN, 1998p.62).

Nesse sentido, as ações comunicativas passam a ser encaradas como elementos entre iguais, que devem prevalecer a horizontalidade entre educandos e educadores, para que os primeiros tenham acesso à cultura e à informação de maneira autônoma e crítica. Essa prática privilegia, portanto, novas formas de aprendizagens, permeadas por recursos tecnológicos e novas relações de comunicação.

Com esse sentido as ações comunicativas se aproximam da teoria da educação defendida por Piaget, ou seja, práticas educativas que privilegiam o significado e sua construção, e não simplesmente a informação.

Nesse contexto surge a figura do educador ou mediador cultural que deve tornar-se elemento comum entre as ciências da educação e comunicação:

“(...) que sabe que, quando ele introduz os meios como objetos de estudos não é para fazer do aluno um pseudo-jornalista ou um aprendiz-apresentador, mas para ensiná-lo a analisar do triplo ponto de vista do poder econômico e ético (político) que os produz, das montagens do discurso e da cena que constrói mensagens e da audiências que lhes dá sentido. Ou seja, profissional que aceita um novo referencial para a relação educador-educando: o aluno pode ensinar o mestre (principalmente a manipulação das novas tecnologias), os alunos podem ensinar uns aos outros, principalmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informações ou suas soluções para o problema proposto, em diálogo direto.” (JACQUINOT, 1998 *apud* SOARES, 1999, p.10)

Podemos constatar portanto, que novamente apresentam-se reflexões sobre o real papel do educador na atualidade, não mais o detentor do saber, mas aquele que proporciona situações em que os educandos podem efetivamente tornar-se sujeitos de sua aprendizagem.

REVISÃO DE LITERATURA

Historiador/educador e o Cinema

O pioneirismo dos estudos históricos em obras cinematográficas cabe ao historiador Marc Ferro (1974). Segundo a historiadora Cristiane Nova, a partir dos anos setenta, vários trabalhos relacionaram imagem/história:

“a história da imagem; a imagem como agente da história; a imagem como testemunho (documento) do presente; a imagem como modalidade de discursos sobre o passado; a produção de discursos audiovisuais como meio de expressão do historiador; a utilização das imagens no ensino da história.” (NOVA, 2000, p.144- 145)

A postura tradicionalista de muitos historiadores, ainda uma herança positivista de não utilizar filmes como uma forma de construção histórica, reside no fato deste possuir um comprometimento com o entretenimento. Abordando esta questão, Rosenstone comenta:

“Reconhecemos que existe mais de uma verdade histórica, ou que a verdade que trazem os audiovisuais pode ser diferente, porém não necessariamente antagônica da verdade escrita.” (ROSENSTONE, 1998, p.115)

A isso soma-se o fato de que as obras cinematográficas são realizadas por diretores, não necessariamente historiadores e que devem ressaltar elementos atrativos para o público. Dessa forma, a ideia de que o filme de constituição histórica, seja ele ficcional ou documentário, é um questionamento que este trabalho pretende realizar. A ideia principal é analisar o cinema como fonte



potencial, como mais uma ferramenta na construção do saber, portanto, deverá estar sobre o crivo da análise e de avaliação. Nesse sentido, o filme pode ser considerado, independentemente de seu gênero, um reflexo de um produto de seu tempo, daí o início de qualquer pesquisa do gênero. No entanto, apesar de os meios audiovisuais já estarem totalmente integrados na sociedade, o cinema nunca foi visto pelo setor educacional como fonte de conhecimento, porque os professores ainda tendem a ver a produção cinematográfica meramente como diversão e entretenimento, subutilizando seus recursos e não como uma leitura de mundo:

“Os filmes podem passar a ideia de uma produção fiel da realidade histórica, mas nada é mais enganador, porque eles não são evidentemente em si mesmos, mas uma construção que modifica a realidade por meio da articulação de imagens, palavras, sons e movimentos. Os elementos relacionados à produção (iluminação, enquadramento, movimentos de câmera, cores) fazem parte da linguagem fílmica, que também transforma e interpreta a realidade, devem igualmente ser objeto de crítica, porque como em qualquer filme, selecionam, privilegiam e negligenciam conforme as preferências do seu realizador. O filme, compreendido como um objeto de análise, traz consigo aspectos que ultrapassam os objetivos de quem os criou, porque sua produção está sempre inserida numa realidade histórica. Sua realização como recurso didático pressupõe um exercício crítico no qual professores e alunos deverão tornar-se aptos a ler. Considerando esses elementos, o filme pode ser um poderoso aliado para a discussão de comportamentos, visões de mundo, valores e identidades de uma sociedade em um dado momento histórico.” (FRANCO e FERREIRA, 2009, p.128)

Em obras consideradas como “filmes históricos”, encontramos mais um questionamento no sentido de que estas produções podem e constantemente misturam a ficção com a realidade. Ainda de acordo com Ferreira:

“o filme pode reafirmar clichês, desconstruir ou criar novas memórias, mesclando realidade e ficção sem grandes transtornos. Assim, o filme seleciona, exulta ou esconde elementos do passado sem precisar justificar-se em termos de comprovação”. (FERREIRA, 2009, p. 128)

Como a História não é imparcial o filme torna-se um agente na medida em que pode interferir, tornar agente das mudanças que julga necessária no presente, além de reelaborar o passado de maneira que este legitime seus interesses na atualidade.

Quando relacionamos construção do conhecimento com o cinema, não existem respostas únicas ou corretas sobre determinada cena ou sobre determinado filme. O que podemos proporcionar aos nossos educandos é a explicação de que o que vemos é que “há ali uma realidade efetivamente criada pelo cinema, por um cineasta, pelos diretores, os quais pensam com e por imagens”. (FISCHER, 2008, p.54)

O Cinema na Escola

A comunicação e a tecnologia são elementos de um grande processo de transformação da sociedade contemporânea. Como as mudanças tecnológicas atuam e transformam-se numa veloz rapidez, isso assusta aqueles agentes sociais que relutam em mudar, em construir novos diálogos, em novas maneiras de ver a vida.

Nesse sentido, a Educação passa a ser encarada como um conceito mutante, em constante formação e transformação, e que cada vez se realiza fora do tradicional espaço escolar. A partir desta ideia pode-se dizer que em todos os ambientes onde haja produção cultural, linguagens e comunicação, podem e devem tornar-se locais de aprendizagem. Partindo desta premissa, o caráter pedagógico das mídias não pode ser encarado como simples meio de informação uma vez que são agentes diretos da construção do conhecimento: “eles são produzidos e também tornam-se grandes produtores de saber, de formas de se comunicar e de construir saberes”. (FISCHER, 2002, p.158)

O cinema pode ser utilizado pelos historiadores como fonte documental, tendo sempre claro para o pesquisador quais são suas limitações. Não se pode negar a importância da imagem em uma sociedade essencialmente visual como a nossa. De acordo com Mocellin:

O fato é que, quer o professor de História utilize filmes em sala de aula, quer não, o cinema ensina versões muitas vezes deturpadas e carregadas de ideologias capazes



de modificar seu modo de perceber o passado, a realidade, as sociedades e suas crenças e conflitos. É necessário aprofundar o estudo das ideias e influências que moldem a cultura de todos os membros da sociedade, inclusive as aprendidas por meio do cinema. (MOCELLIN, 2009, p.11)

Na humanidade, a necessidade de expressar-se, de ressaltar a imagem esteve presente desde os primeiros vestígios de pinturas rupestres, nos movimentos artísticos como o Renascimento e depois com a dinâmica da fotografia, o cinema e a Internet.

De acordo com os parâmetros curriculares nacionais, a disciplina de História não se limita ao espaço escolar: os alunos têm acesso, ainda mais facilitados pelas tecnologias, às inúmeras informações e imagens dos mais diferentes meios, meios estes que difundem datas, personagens, costumes que os incentivam a refletir sobre diferentes meios de vivência e contextos. O papel da escola e do professor neste processo reside em ensinar o caminho para transformação da informação em conhecimento, em senso crítico:

películas nos permitem contemplar paisagens, ouvir ruídos, sentir emoções através dos semblantes dos personagens ou assistir a conflitos individuais ou coletivos. Sem desdenhar do poder da palavra deve-se defender a capacidade de reconstrução de outros meios. (ROSENSTONE, 1998. p. 110)

Ao utilizar filmes, documentários, curtas-metragens para auxiliar a construção do conhecimento por parte de nossos educandos, é necessário que o professor se proponha a realizar uma série de tarefas prévias para que a determinada utilização seja mesmo coerente com os objetivos. Para que a utilização da ferramenta cinematográfica seja um recurso eficiente surge a necessidade de um conhecimento prévio sobre a determinada produção para adequação da proposta aos objetivos que se deseja alcançar, perceber qual a cultura cinematográfica que os educandos trazem para aula, além de uma postura rigorosa quanto aos critérios, objetivos a serem utilizados. Nesse sentido destaca-se como cultura cinematográfica:

“Temos visto ultimamente iniciativas que procurem pensar o cinema não somente como um artefato da indústria cultural, mas como um elemento artístico produzido pela(s) cultura(s). A acepção de cultura de que falo aqui, não é a primeira concepção que tem a ver com a natureza, com o modo com o qual o homem intervém sobre a natureza do outro para agir conforme a sociedade na qual ele está inserido.” (CHAUI, 2006 p.45)

A previsão de tempo de duração também é importante, uma vez que, se o filme ou documentário for muito longo ou exibi-lo na íntegra pode ser cansativo, e alguns trechos podem ficar descontextualizados ou segmentados, os alunos podem dispersar-se com facilidade. Já se for muito curto, podem ficar com tempo ocioso, criando até mesmo problemas de ordem disciplinar para o professor. Valendo-se dessa ferramenta de maneira racional, com critérios, nunca como substituto do professor ou do conteúdo, mas como recurso auxiliar, complementar, para problematizar, para discussão, enfim para a produção do saber a utilização do cinema como ferramenta de estudo com certeza será produtiva.

Outro aspecto importante é adequar o filme aos seus telespectadores para que tenham discernimento e maturidade; antes de tudo é necessário assistir a ele, selecioná-lo, e alertar e preparar o público para ao que será assistido. Os filmes são representações da realidade e, quando a realidade é transportada para imagem, apresenta-se como um ponto de vista segmentado, impregnado de subjetividade.

A partir desses critérios de seleção, os filmes do projeto **Curta na Escola** tornam-se uma ferramenta ideal uma vez que o projeto conta com obras que em média possuem duração de cerca de quinze minutos. Nas escolas, em geral, a média de tempo de duração de uma aula é de cerca de quarenta e cinco a sessenta minutos, portanto, os filmes além de um tempo coerente com relação à hora-aula, pode ser utilizado tanto como introdução de um conteúdo ou como o encerramento. Além disso, pode ser utilizado como fonte adicional de informação e também como tema gerador de debates.



ANÁLISE/DESCRIÇÃO DO CURTA-METRAGEM

O projeto Curta na Escola surgiu em 2006 como um núcleo, um desdobramento do projeto inicial Porta Curta Petrobrás 2002 que previa o financiamento de curtas-metragens de cineastas brasileiros.

O projeto tem por finalidade básica incentivar a utilização de curtas-metragens brasileiros dentro do espaço escolar. O projeto proporciona aos educadores indicações sobre o uso pedagógico ou didático do acervo através de elementos como: ficha técnica dos filmes, faixa etária, transcrição de roteiros, suas possíveis aplicabilidades. Através da seção plano de aula, o educador encontra uma descrição sobre quais áreas do conhecimento podem ser trabalhadas a partir do conteúdo do vídeo, temas transversais, e outras especificações. De acordo com Elaine Pereira:

do conhecimento tornou-se uma imposição dos tempos atuais. As possibilidades de uso do cinema na escola são inúmeras, já que ocorrem muitas conexões com Literatura, História, Artes e Temas Transversais. Não é novidade que podemos falar das possibilidades de uso de filmes em qualquer contexto educacional. (...) mas apresentar um filme como forma de ilustrar um conteúdo de forma tradicional pode se mostrar tão ineficaz quanto a adoção de alguns livros didáticos. (...) Essa é uma questão urgente que exige criatividade, ousadia, experimentação, o que, normalmente, nos deixa inseguros. Como todas as ações em Educação, um trabalho de troca e reflexão entre educadores promove a ampliação das possibilidades didáticas de uso das obras.” (PEREIRA, 2006,p.1)

Além da importância da utilização de recursos midiáticos e audiovisuais, as curtas, por serem produzidos no Brasil, por cineastas, produtores e diretores brasileiros, proporcionam ao seu público, seja dentro do espaço escolar ou não, um fragmento da realidade do cotidiano, do imaginário, enfim, do modo de ser e de viver do povo brasileiro.

A variedade de temáticas, produções que vêm das mais diferentes partes do país, com suas linguagens regionais características, costumes, tradições, contribuem para a construção de um diagnóstico, de um retrato cultural do país.

Como mais um ponto positivo da iniciativa deste projeto, gostaria de destacar as possibilidades de interatividade que ele proporciona aos educadores. O relato de experiências, comentários, debates, discussões nos fóruns, banco de dados de experiências no ambiente virtual permitem que os profissionais da educação encontrem subsídios para uma prática educativa que seja coerente com seus objetivos e com os conceitos que desejam desenvolver com seus educandos. A isso se soma a possibilidade da divulgação do que os professores estão produzindo dentro das escolas, uma vez que uma série de trabalhos maravilhosos, produzidos por professores e alunos de todo Brasil, não encontra um canal de divulgação, ficando limitado dentro das comunidades escolares Brasil a fora.

O Projeto Curta permite que professores e escolas, após a realização de cadastro, postem seus planos de aula, trabalhos e suas impressões sobre os curtas utilizados, além da ficha técnica das obras, acesso a transcrição dos roteiros e elementos adicionais sobre os curtas postados.

Análise do Curta o Arraial

O Arraial é uma animação de Otto Guerra e Adalgiza Luz do ano de 1997, com treze minutos de duração. Como animação, a ele pode ser assistido por alunos do Ensino Fundamental, uma vez que a linguagem é relativamente simples e as imagens, trilha sonora, o vocabulário utilizado pela personagem da menina retirante ajudam a compreender o significado da mensagem e os conceitos históricos, que poderiam ser trabalhados previamente ou, posteriormente, de acordo com a proposta de trabalho pedagógico do professor.

O vídeo retrata especificamente uma família de retirantes que devido às condições precárias de vida: seca, ausência da figura masculina (pai e, posteriormente, o irmão) partem em busca de uma vida mais digna no Arraial de Canudos. A narrativa da animação é a realizada pela personagem de uma menina de cerca de dez anos de idade, e faz associações da figura de Antônio Conselheiro como uma espécie de porta-voz do movimento sebastianista. Como cita Eliandra Lelli:

“A figura de D. Sebastião acaba se confundindo com a do Messias, que virá para redimir seu povo. Ao que dissemos a



respeito do comportamento do povo português, podemos acrescentar que o período da história em que viveu D. Sebastião está marcado por uma séria crise socioeconômica. Ligando os dois fatos acima arrolados, verificamos que se cria, em torno do trágico rei, a crença coletiva em soluções milagrosas e desmedidas. Acreditamos, porém, que se este mito já está tão arraigado, procurar entendê-lo e assumi-lo seria um grande passo para um país que há muito procura por sua identidade cultural.” (LELLI, 2010, p.9)

Dessa forma, o curta apresenta Canudos como um modelo de sociedade na qual o esperado “salvador” viria livrar o povo das precárias condições de vida. A menina, personagem central da animação fala a todo momento que não entende os motivos do conflito. Ela, assim como a maioria dos sertanejos massacrados neste evento, não tinham a percepção dos desdobramentos políticos e econômicos deste evento histórico.

Em uma das falas citadas no texto, a menina comenta que república e monarquia seriam conceitos iguais, substantivos sinônimos, só com nomenclaturas diferentes. De acordo com o *script* da obra em anexo: “Meu pai não sabe o que é república, os soldados disseram que não precisava saber, podia ir com eles. Meu irmão vai consertar tudo, vai trazer nosso pai de volta. Meu avô disse que aqui república é a mesma coisa que monarquia, só muda a roupa. E que nossos reis eram todos impostores. Só Dom Sebastião é rei verdadeiro, mas esse ainda dorme no fundo do mar” ou ainda a fala: “difícil entender o que acontece, os que lá foram e os que lá não foram, sabem a mesma coisa” reforçam a ideia de que o povo humilde não reconhecia dimensão política do conflito.

Uma intervenção que o professor de história poderia realizar em sala de aula seria levantar questionamentos sobre como o povo simples, humilde, sem instrução que compunha e, de certa forma, ainda compõe o cenário social do país posicionou-se ao longo do conflito. Discussões sobre qual o momento político que o Brasil vivenciava (a consolidação do regime republicano), além do papel da Igreja Católica dentro de uma sociedade ainda com ranços coloniais e profundamente hierarquizada podem ser elementos que contribuem para a construção do conhecimento histórico a partir da utilização do curta.

O Arraial pode ser aplicado na Educação de Jovens e Adultos. Questões como distribuição de renda, definição de conceitos como política, ética e religião podem ser desenvolvidas a partir da exibição do curta-metragem preservando

seu caráter anacrônico. A temática do curta pode ser, também, apresentada no Ensino Fundamental uma vez que a fala infantilizada da menina, a animação, enfim, a combinação de imagem, som e conteúdo contribuem para um entendimento do assunto.

Análise do Curta na Terra do Sol

O vídeo *Na Terra do Sol*, de Lula de Oliveira, foi produzido em 2005 e apresenta doze minutos de duração. Esta obra foi inspirada no livro *Os Sertões de Euclides da Cunha*, e traz um relato violento sobre os últimos sobreviventes da saga de Canudos.

O curta-metragem retrata os últimos instantes de vida de quatro sobreviventes do massacre de Canudos: um velho, um jovem e dois jagunços. O grupo acuado espera a morte chegar seja no formato do ataque das tropas republicanas ou pela sede, fome e cansaço proporcionado pelo bloqueio militar ao Arraial. Nesse quadro de desespero e caos, evidencia-se a ideia da salvação, do paraíso, na figura de uma espécie de santa sertaneja, um conforto espiritual que livraria os inocentes dos flagelos da vida terrena.

É uma obra com imagens fortes, agressivas, que retratam todo o sofrimento do nordestino perseguido pela seca e pela violência da destruição do Arraial que não poupou velhos, mulheres nem crianças.

O início da obra traz cenas de uma velha índia, representante dos sertanejos do lugar decadente indo buscar água, lembrando histórias de fé e também da violência do conflito. Essa imagem poderia servir para incentivar uma reflexão por parte dos educandos sobre a realidade social em que vive o povo brasileiro. Questionamentos sobre como vive o sertanejo hoje, o que melhorou, quais as reais condições de vida dessas populações que mesmo após um século do conflito, ainda precisa caminhar quilômetros para saciar uma necessidade básica do ser humano: buscar água para matar a sede. Distribuição de renda, reforma agrária, violência, questões sociais são elementos que podem ser contextualizados a partir da exibição do vídeo e contribuir para construção do conhecimento historiográfico.



O professor que contribui com seu projeto de aula sobre o curta Na Terra do Sol descreveu com detalhes sua aula, bem como a fundamentação que a norteia, contribuindo, dessa forma, para um entendimento detalhado do processo de utilização do curta-metragem.

O plano de aula iniciou-se com a introdução do conteúdo a partir da leitura de um poema; em seguida ressaltou-se que o enfoque disciplinar dado sobre o tema seria sob os pressupostos teóricos da geografia política tendo como pano de fundo o tema transversal da discussão ética. Após essa explanação, foram relatados os objetivos da aula que incluem a utilização de diversas ferramentas midiáticas como o cinema, o rádio, além da divulgação dos trabalhos realizados a partir do curta em ciberespaço através de *blogs*, redes sociais e *site* da escola.

Apesar de contar com um relato preciso e minucioso sobre o desenvolvimento da aula, o enfoque limitado da geografia política pode comprometer as possibilidades de discussão que o curta pode proporcionar. Temas como a questão da religiosidade, o mito em torno da figura de Antônio Conselheiro, questões sociais, também são temáticas enfatizadas no curta Na Terra do Sol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas mudanças vêm ocorrendo a partir do surgimento e da utilização das tecnologias de informação e comunicação na sociedade, cultura, economia e, principalmente, no campo educacional.

Nesse contexto é preciso que o professor faça uma reflexão sobre a importância de estar constantemente atualizado, buscando novas práticas pedagógicas que possam atender aos novos desafios que estão surgindo na área da educação.

Nessa busca, destacou-se a importância da utilização de diferentes tecnologias na área educacional como o cinema, por exemplo. Buscou-se promover uma reflexão sobre os limites e possibilidades que o cinema pode representar na construção do conhecimento historiográfico.

Neste artigo, a análise dos vídeos sobre a Guerra de Canudos ocorreu através de dois olhares diferentes, de duas produções em relação ao mesmo assunto

dentro do acervo do projeto Curta Petrobrás. A contribuição de duas obras distintas sobre o mesmo evento possibilitou que o assunto pudesse ser contemplado a partir de diferentes posicionamentos ou com dois olhares diferenciados.

A utilização inadequada do cinema, sem um objetivo claro por parte do professor ou simplesmente como uma mera diversão reforça uma postura preconceituosa e limitada sobre a utilização do cinema como ferramenta pedagógica. Ferramenta essa que, por contar com uma linguagem audiovisual, pode contribuir muito para a contextualização de determinadas temáticas.

A partir dessas considerações, concluiu-se que para toda e qualquer prática educativa se faz necessário um plano de ação consciente para que se possa usufruir de todos os recursos que o cinema pode oferecer para prática docente contagiante e produtiva. A prática reflexiva, que queremos que nossos alunos desenvolvam, é um desafio que todo professor deve almejar como forma de realizar seu fazer pedagógico, consciente, criterioso e de acordo com a realidade social na qual nossos educandos estejam inseridos.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Paulo. **Pensadores da educação**. Disponível em: <<http://pedagogiadacultura.webnode.com.br/pensadores/>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 21.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988 (Coleção Primeiros Passos).

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: a ética do ser humano**. 9.ed. Petrópolis: Vozes 2004.

BOURDIEU, Pierre Félix. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Oeiras: Celta Editora, 1997.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989**. A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. 1.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

DIAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

DOMINGUES, Glauber Resende. **Cultura cinematográfica**. Disponível em: <<http://www.revistaaleph.com/>>. Acesso em: 20 out. 2012.

DUBY, Georges. História social e ideologia das sociedades, In: **História: novos proble-**



mas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

Ferro, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educ. pesqui**. [on-line]. n.1, v.28, 2002.

KARNAL, Leandro (Org.). **Histórias na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2010.

LELLI, Eleandra Aparecida. **Influências do Sebastianismo**. Disponível em: <http://www.uniabc.br/site/revista/pdfs/8_influencias_sebastianismo.pdf>. Acesso em: 30 out. 2012.

MANTOAN, M.T.E. **O Processo de Conhecimento**: tipos de abstração e tomada de consciência. NIED-Memo 27. NIED-UNICAMP: Campinas, 1994.

MOCELLIN, Renato. **História e cinema**: educação para as mídias. São Paulo: editora do Brasil, 2009.

MONTEIRO, Vanessa. **Canudos guerras de memórias**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/mosaico/?q=artigo/canudos-guerras-de-mem%C3%B3ria>>. Acesso em: 09 nov. 2012.

MYNAIO, Maria Cecília e Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOVA, Cristiane. A História diante dos desafios imagéticos. **Revista Projeto História**. 2000, p. 144-145.

PEREIRA, Elaine Candida. **Audiovisuais**. Disponível em: <http://portacurtas.org.br/org.br/curtanaescola/o_projeto.asp>. Acesso em: 12 out. 2012

PRADO, M. E. B. B; VALENTE, J. A. A Educação a Distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica. In: M.C. Moraes (org.) **Educação a Distância**: fundamentos e práticas. Campinas, São Paulo: Nied-Unicamp, 2002, p. 27-50. Disponível em: < www.nied.unicamp.br/oea.>

PRETO, Francisco de Moura. **O filme de ficção como recurso pedagógico no ensino da História**: montagem, endereçamento e estratégias de utilização. Dissertação (Mestrado), UNESA, Rio de Janeiro, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia, PAGANELLI, Tomoko; CACETE, Núria. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Contexto 2007.

ROSENSTONE, Robert. História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidade de plasmar a história em imagens. In: O Olho da História: **Revista de História Contemporânea**. Salvador, v.1, n.5 1998. p.105-116

SACRISTAN, J.G.; GOMEZ, A. I. Perez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p.62

SANCHIS, Isabelle de Paiva; MAHFOUD, Miguel. **Interação e construção**: o sujeito e o conhecimento o construtivismo de Piaget. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v12/m347195.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2012.

SILVA, Roberta Damasco da. **Cristianismo primitivo**. Disponível em: <<http://cpantiguidade.files.wordpress.com/2009/07/cristianismo-primitivo3.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2012.

SOARES, Ismar de Oliviera. **Alfabetização e educomunicação**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2012.

SOARES, Ismar de Oliviera. **Educomunicação**: o conceito, o profissional a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.

SODRÉ, Muniz. O ethos midiaticizado. In: **Antropologia do espelho**: por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VALENTE, J.A. A espiral da aprendizagem e as tecnologias da informação e comunicação: repensando conceitos. In: M.C. Joly (ed.) **Tecnologia no ensino**: implicações para a aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, 2002, p. 15-37.

VALENTE, J.A. Aprendizagem por projeto: o fazer X o compreender. Artigo não publicado. **TV Escola**, 2002. (Informática na Educação) Disponível em: <<http://www.proinfo.mec.gov.br>>

VALENTE, J.A. Diferentes abordagens de educação a distância. **TV Escola**, 1999.(Informática na educação). Disponível em: <<http://www.proinfo.mec.gov.br>>

VALENTE, J.A. Por que o computador na educação? In: J.A. Valente, (Org.). **Computadores e conhecimento**: repensando a educação. Campinas: UNICAMP, 1993, p. 24-44.

VILLA, Marco Antônio. **Canudos**: o povo da terra. 2.ed. São Paulo: Ática, 1997.